

## Aparecida e missão: notas sobre o percurso para a construção da síntese missionária

*Aparecida and mission: notes on the journey towards the construction of the missionary synthesis*

Ney de Souza

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Hernane Santos Módena

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

### Resumo

Objetiva-se neste artigo apresentar de maneira sintética e crítica a temática missionária na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, Aparecida (2007). A Conferência, acolhendo os ensinamentos da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério, em consonância com o ensinamento das Conferências Gerais que a precederam à luz da renovação conciliar, desenvolveu bem o binômio “discípulos missionários”, compreendendo que ninguém pode ser missionário sem ser discípulo, como não se pode ser discípulo sem ser missionário. Assim, a última Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e caribenho, até o momento, significou a síntese da renovação missionária que começou a germinar em Medellín.

### Abstract

The aim of this article is to present in a synthetic way and criticize the missionary theme at the V General Conference of the Latin American and Caribbean Episcopate, Aparecida (2007). The Conference, accepting the teachings of Sacred Scripture, Tradition and the Magisterium, in line with the teaching of the General Conferences that preceded it in the light of the conciliar renewal, developed the binomial “missionary disciples” well, understanding that no one can be a missionary without being disciple, how can you not be a disciple without being a missionary. Thus, the last General Conference of the Latin American and Caribbean Episcopate, so far, meant the synthesis of the missionary renewal that began to germinate in Medellín.

### Palavras-chave

Aparecida.  
Missão.  
Missionários.  
Discipulado.  
Teologia.

### Keywords

Aparecida.  
Mission.  
Missionaries.  
Discipleship.  
Theology.

## Introdução

Na primeira década do terceiro milênio, o Episcopado Latino-Americano e Caribenho se reuniu para celebrar a V Conferência Geral. Realizada na cidade de Aparecida, no Estado de São Paulo, Brasil, entre os dias 13 e 31 de maio de 2007, o evento teve por tema: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, e o lema: “Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Com base profundamente cristológica e desenvolvimento reflexivo-objetivo reinocêntrico (BRIGUENTI, 2007, p. 6) “discipulado” e “missão” se tornaram palavras-chave que permeiam toda a V Conferência e o Documento Conclusivo de Aparecida (SUESS, 2018, p. 362). E, “(...) tomando distância de um possível cristomonismo, para *Aparecida*, nem a pessoa de Jesus Cristo em si é o centro, mas sua pessoa e sua obra - o Reino de vida do Pai, em contínua edificação entre nós, no Espírito do Ressuscitado, até a consumação dos séculos, e que encontrará sua plenitude na meta-história” (BRIGHENTI, 2007, p. 6).

O Documento Conclusivo da Conferência de Aparecida até a sua aprovação e promulgação, em 29 de junho de 2007, pelo Papa Bento XVI, percorreu um longo caminho. Desde a sua primeira convocação pelo Papa João Paulo II, em 2003, a V Conferência procurou estabelecer um processo participativo de toda a Igreja latino-americana e caribenha. As 22 Conferências Episcopais foram envolvidas e chamadas a realizar um caminho sinodal, refletindo e discutindo, por meio do Documento de Participação (CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano, 2006) elaborado pelo CELAM, a realidade dos povos da América Latina e do Caribe e a missão evangelizadora da Igreja (HACKMANN, 2007, p. 320-321).

A princípio, a V Conferência havia sido pensada para o ano de 2005, o que seria muito significativo, pois seria o ano do cinquentenário de criação do CELAM. O Papa João Paulo II que havia autorizado a realização da nova Conferência, também manifestou o desejo de estar presente na sua abertura, assim como esteve em Puebla e Santo Domingo; mas devido à debilidade e ao

agravamento do seu estado de saúde, a Conferência foi adiada. Com a morte de João Paulo II, em 2 de abril de 2005, o seu sucessor, o Papa Bento XVI (eleito em 19 de abril de 2005), reconvocou a V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, prosseguindo, assim, os trabalhos de preparação do evento (GODOY, 2015, p. 215).

Conforme registra o Documento de participação, no dia 7 de julho de 2005, o Papa Bento XVI recebeu em audiência Dom Francisco Javier Errázuriz Ossa, arcebispo de Santiago e presidente do CELAM, para confirmar a realização da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho e para entregar o tema com alguns ajustes e acréscimos. A proposta do tema apresentada pelo CELAM era “Pelo encontro com Jesus Cristo, discípulos e missionários na comunhão da Igreja Católica, no início do terceiro milênio, para que nossos povos tenham vida”. O tema entregue pelo Papa foi: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, com o lema: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Segundo o presidente do CELAM, a proposição foi enriquecida pelo Santo Padre ao acrescentar a expressão “nele” e a citação do versículo do Evangelho segundo João (OSSA, 2005, p. 6). Caliman observa que “com esse *nele* o Papa enfatiza a referência a Jesus Cristo como perspectiva pela qual se deveria olhar para a realidade dos ‘nossos povos’ para que tenham vida” (CALIMAN, 2018, p.107).

É missão da Igreja “animar a fé do povo, recordando a eles que através de seu Batismo, estão chamados a serem discípulos e missionários de Jesus Cristo” (SOUZA, 2008, p. 142). Desse modo, é finalidade deste texto apresentar a importante temática da teologia da missão no Documento de Aparecida. Para atingir este objetivo serão apresentados aspectos históricos e teológicos da V Conferência e, ao mesmo tempo, sinalizando o caminho para a centralidade não somente deste texto, mas da Conferência de Aparecida: a síntese missionária. Necessário seguir este método para compreender que o texto deste magistério latino-americano e caribenho é a síntese da temática missionária das Conferências anteriores na recepção criativa do Concílio Vaticano II.

## Participantes

A V Conferência congregou uma assembleia de 266 participantes, formada por 162 bispos, membros da Conferência; 81 convidados, entre presbíteros, diáconos permanentes, religiosos e religiosas, membros de novas comunidades, leigos e leigas (GODOY, 2015, p. 216). No período da realização da V Conferência “o CELAM tinha como presidente o cardeal do Chile, Dom Francisco Javier Errázuriz, e como secretário Dom Andrés Stanovnik, bispo de Reconquista, Argentina”. Juntamente estavam: “na presidência, o cardeal Prefeito da Congregação para os Bispos, Dom Giovanni Battista Ré” e o “cardeal de Salvador, Bahia, Dom Geraldo Magela Agnelo; e na secretaria, o Arcebispo de São Paulo, Brasil, Dom Odilo Pedro Scherer” (IBIDEM, p. 216).

Para os participantes, em comunhão com toda a Igreja latino-americana e caribenha, certamente se tratou de uma experiência eclesial viva e dinâmica, que quis dar um “novo passo no caminho da Igreja”, a partir do Concílio Vaticano II, e em continuidade do caminho de fidelidade e renovação feito pelas Conferências Gerais anteriores. Contemplando o caminho já percorrido, os bispos reconhecem a ação do Espírito Santo que continua a renovar o ardor missionário nos corações dos membros da Igreja (cf. DAp - Documento de Aparecida, 9). E “esta foi talvez a primeira ‘surpresa’ de Aparecida: o CELAM sabe ‘insistir’ para não romper um fio de continuidade com a peculiar história colegial da Igreja latino-americana” (SCATENA, 2019, p. 60).

Tendo como fontes: O discurso inaugural do Papa Bento XVI (2008, p. 249-266), proferido no dia 13 de maio de 2007; o Documento de Síntese (CELAM, 2007), que compendiou as valiosas reflexões a partir do Documento de Participação enviado às Conferências Episcopais e suas dioceses; as contribuições dadas pelos presidentes das Conferências Episcopais e dos representantes dos organismos do Vaticano; e as conclusões das equipes de trabalho, o extenso Documento Conclusivo de Aparecida procurou superar radicalismos e reequilibrar diferentes posições teológicas e eclesiológicas, buscando como ponto comum o seguimento de Cristo como discípulos e

anunciadores do Evangelho, cuja meta é a extensão do Reino de Deus sobre a terra (HACKMANN, 2007, p. 322-323).

## Documento final

O Documento final da Conferência de Aparecida (DAp) é constituído pela introdução, três partes e a conclusão. Um assunto que causou controvérsia foi sobre a diferença do “texto original” do “texto oficial” do Documento de Aparecida. Sobre a questão, Brighenti explica que:

Terminados os trabalhos da V Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe em Aparecida no ano de 2007, seus participantes e assessores tinham em mãos o ‘texto original’ do Documento de Aparecida, que teve na presidência da Comissão de Redação o então Cardeal Bergoglio, hoje Papa Francisco. Semanas depois, mais precisamente no dia 29 de junho, quando o Papa Bento XVI ‘autorizou’ (*sic*) a publicação do Documento Conclusivo, houve a desagradável surpresa de constatar que o ‘texto oficial’ não coincidia com o ‘texto original’. Entre o término da Assembleia e a data da ‘autorização’ de publicação do Documento, haviam sido feitas ao redor de 250 mudanças no ‘texto original’, muitas delas de menor importância, mudanças de forma ou de redação, mas outras tantas maiores, de conteúdo, pelo menos umas 40, importantes, de fundo (BRIGHENTI, 2016, p. 675).

De acordo com Jorge Mario Bergoglio, então cardeal arcebispo de Buenos Aires, atualmente Papa Francisco, são quatro as características que tornam Aparecida original: um debate livre de vínculos impostos por um *Instrumentum laboris*, diferente de Medellín, Puebla e Santo Domingo; um ambiente de oração cotidiana com o Povo de Deus; um documento que se prolonga em um empenho e, a quarta característica, a presença de Nossa Senhora Mãe da América Latina (LA BELLA, 2018, p. 52).

## Método ver, julgar e agir

A Conferência de Aparecida recuperou o método “ver, julgar e agir”, idealizado por Joseph Cardijn, em 1925, e que com o Papa João XXIII entrou para o magistério pontifício. Tendo sido utilizado na Constituição Pastoral

*Gaudium et Spes*, como método teológico de leitura dos “sinais dos tempos” no Concílio Vaticano II, o método foi fundamental para a análise da real situação de pobreza e injustiças que vivia a maioria dos povos latino-americanos e caribenhos no contexto da Conferência de Medellín.

Acusado de “sociologização” ou “marxização” da fé por alguns setores eclesiais resistentes aos ideais da modernidade, a trilogia metodológica foi interrompida pela Conferência de Santo Domingo, que, por sua vez, optou pelo método da “iluminação teológica”, caracterizada pela dedução e pela a-historicidade (BRIGHENTI, 2016, p. 689-691). Conferência esta que teve um desenvolvimento nada tranquilo. Os debates foram calorosos e em muitas ocasiões correu o risco de falir (LA BELLA, 2018, p. 41). Tudo isso revela a situação do episcopado no continente latino-americano e caribenho.

Na “Síntese das contribuições recebidas”, os bispos afirmam que “muitas vozes vindas de todo o Continente” solicitaram a utilização do método ver, julgar e agir, afirmando que este colabora para se viver de forma mais intensa a vocação e a missão na Igreja, além de enriquecer o trabalho teológico-pastoral e motivar a assumir com maior responsabilidade as situações concretas vividas pelos povos da América Latina e Caribe (CELAM, 2007, n. 34). Destarte, a V Conferência assumiu o método tanto no conteúdo como na própria estrutura do Documento final. Logo no começo da Primeira Parte os bispos esclarecem seus ouvintes-leitores:

Em continuidade com as Conferências Gerais anteriores do Episcopado Latino-Americano, este documento faz uso do método “ver, julgar e agir”. Este método implica em contemplar a Deus com os olhos da fé através de sua Palavra revelada e o contato vivificador dos Sacramentos, a fim de que, na vida cotidiana, vejamos a realidade que nos circunda à luz de sua providência e a julguemos segundo Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, e atuemos a partir da Igreja, Corpo Místico de Cristo e Sacramento universal de salvação, na propagação do Reino de Deus, que se semeia nesta terra e que frutifica plenamente no Céu (DAp, 19).

Assim, a Primeira Parte do Documento de Aparecida trabalha o ver “A vida de nossos povos hoje”; a Segunda, o julgar à luz da Palavra que consiste “A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários”; e a Terceira, o agir sob o

impulso do Espírito Santo para “A vida de Jesus Cristo para nossos povos” (CALIMAN, 2018, p. 109-110). Na análise de Hackmann, a “vida” é uma “ideia-força” que perpassa todo o Documento. Esta vida, que deve ser preservada e defendida, não só deve ser interpretada do ponto de vista biológico, mas como um dom sagrado de Deus. Segundo o teólogo:

A frase bíblica de Jo 10,10 (“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”) foi a fonte inspiradora das três partes em que foi dividido o Documento final, bem dentro do espírito da V Conferência.

(...) A vida é a vida trazida por Jesus Cristo para todo ser humano, tanto do ponto de vista biológico quanto salvífico. Para tal, ele necessita de respeito e de ser considerado em sua totalidade, em todas as suas dimensões. E precisa ser defendida, desde a sua concepção até ao seu fim natural. Para a vida vingar e ser defendida, é preciso ser vivido o amor cristão, sem esquecer ninguém (HACKMANN, 2007, p. 324).

## Por que Aparecida?

Vários locais foram pensados pelo CELAM para a realização da V Conferência: Santiago do Chile; Quito, no Equador; e Buenos Aires, na Argentina. Qual não foi a surpresa da Igreja latino-americana e caribenha ao ser anunciada pelo Papa Bento XVI que a Conferência seria realizada na cidade de Aparecida no Brasil (GODOY, 2015, p. 216).

As motivações que levaram o Papa a escolher Aparecida eram bastante evidentes e cheias de simbolismos. Um desses motivos se deve ao fato do encolhimento do catolicismo no Brasil, bem como em toda a América Latina. A Ameríndia<sup>1</sup> registra em 2007, com base numa pesquisa do jornal “O Estado de São Paulo” (10/12/2006, A32), que no Brasil a Igreja Católica perde 1% dos seus fiéis por ano, enquanto outras denominações se expandem, como a dos mórmons que cresceram 460% nos últimos seis anos. No documento de

---

<sup>1</sup>“Ameríndia é uma rede de católicos das Américas com espírito ecumênico e aberta ao diálogo e à cooperação inter-religiosa com outras instituições. Tem como prioridade reafirmar a opção pelos pobres e excluídos, inspirada no Evangelho, atualizando a herança de Medellín, Puebla, Santo Domingo e o Sínodo das Américas, para responder aos novos desafios enfrentados por nossos países e provenientes da globalização neoliberal”. AMERINDIA (org.). *Sinais de esperança: reflexão em torno dos temas da conferência de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.

“Síntese das contribuições recebidas para a V Conferência Geral”, que expressou o resultado participativo de inúmeras comunidades e dioceses que refletiram os desafios da evangelização daquele contexto, a “perda” de fiéis aparece como manifestação do pluralismo cultural e religioso da sociedade que tem forte incidência sobre a Igreja:

(...) Nem todos os católicos estavam preparados para resistir a essa multiplicidade de discursos e de práticas presentes na sociedade. E esse fato se manifestou em certo distanciamento silencioso da Igreja por parte de muitos e numa adesão pouco reflexiva a outras crenças ou instituições religiosas. Essa situação se vê agravada pelo relativismo ético e religioso da cultura atual (CELAM, 2007, n. 74).

A realização da V Conferência não foi escolhida na cidade de Aparecida por acaso. O Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida possui um simbolismo de fé muito forte da religiosidade popular. Segundo Suess, o dia, 13 de maio de 2007, e o lugar, Santuário de Aparecida, evocam o significado mariano e o contexto da abolição (SUESS, 2007, p. 12).

O Santuário de Aparecida é símbolo da predileção de Deus pelos pobres, que em Maria “derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes”. É o lugar ao qual acodem para encontrar-se com a Mãe dos Pobres, a multidão dos excluídos, na firme expectativa de que a Igreja não frustrasse sua esperança. (AMERÍNDIA, 2007, p. 11).

Para a reflexão missionária evangelizadora proposta para a V Conferência, Maria é muito mais que um referencial de devoção. Ela é um autêntico modelo de discipulado de Cristo e vivência do seu Evangelho. É a missionária da Boa-Nova que, mesmo após a sua assunção, continua a levar a Palavra do seu Filho. Palavra esta que ela soube muito bem acolher. Acolheu-a por meio da fé, tanto no coração como no corpo. Na análise de Suess, os bispos refletiram bem esse tema, associando a vida de Maria ao mistério da encarnação e da missão do seu Filho.

No DAp, “Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários (269, cf. 320). Da mesma forma como deu à luz o Salvador do mundo,



“trouxe o Evangelho à nossa América. No acontecimento em Guadalupe, presidiu, junto com o humilde João Diego, o Pentecostes que nos abriu os dons do Espírito. A partir desse momento, são incontáveis as comunidades que encontraram nela a inspiração mais próxima para aprender como ser discípulos e missionários de Jesus (269). Maria é um modelo “do seguimento de Cristo” (270) e uma “escola de fé destinada a nos fortalecer no caminho que conduz ao encontro com o Criador do céu e da terra” (270).

Aparecida nos familiariza com múltiplas dimensões da reflexão mariológica, com a dimensão mariana da teologia trinitária, cristológica e pneumatológica, da religiosidade dos pobres e da pedagogia pastoral (SUESS, 2007, p. 94-95).

## Ler os “sinais dos tempos”

Se os bispos se propuseram a “ver” a realidade do Continente com os olhos da fé, qual foi a situação que enxergaram? Quais eram os “sinais dos tempos” que se apresentaram diante de uma Igreja que se colocava como discípula missionária de Cristo a serviço da vida e do Reino? A primeira constatação foi a de que se vive uma “mudança de época”, e não apenas uma época de mudança, cujo nível mais profundo é o da cultura. Sobre as transformações na temática cultural, na análise dos bispos da V Conferência,

verifica-se, em nível massivo, uma espécie de nova colonização cultural pela imposição de culturas artificiais, desprezando as culturas locais e com tendências a impor uma cultura homogeneizada em todos os setores. Essa cultura se caracteriza pela autorreferência do indivíduo, que conduz à indiferença pelo outro, de quem não necessita e por quem não se sente responsável” (DAp, 46).

Nessa transição de tempo, segundo os bispos, “dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus”, emergindo uma “supervalorização da subjetividade individual” (DAp, 44). Nesse sentido, a satisfação dos desejos pessoais sobrepõe à preocupação com o bem comum, o importante passa a ser a realização do “eu”, enquanto o “nós” se torna indiferente, quando não, em relações de objeto de consumo (cf. DAp, 44; 46). A grande questão são as consequências dessa nova postura, pois, ao buscar a afirmação dos direitos individuais e subjetivos, deixam-se de

lado os direitos sociais e culturais, afetando assim a dignidade da pessoa humana, de modo especial dos mais pobres e fragilizados (cf. DAp, 47).

A mudança epocal, chamada de pós-modernidade e/ou hipermodernidade, foi e continua sendo sentida em todos os campos e aspectos da vida social, econômica, política, religiosa, ou seja, a toda cultura entendida no seu sentido antropológico. Diferentemente de outras épocas, essas mudanças tiveram um alcance mundial, por isso passaram a ser compreendidas como uma dinâmica global.

Ao passo que se constata que este fenômeno complexo trouxe grandes avanços e múltiplos benefícios, sobretudo com o avanço da tecnologia da comunicação, em que grandes distâncias foram reduzidas por um “simples” botão de celular ou computador, foram abertas distâncias imensas em outros setores. A globalização da economia de modelo neoliberal<sup>2</sup> mais tem excluído do que integrado as pessoas. O acentuado aumento da desigualdade social demonstra em seus resultados uma globalização caracterizada pela perversidade e pela exclusão (BEOZZO, 2007, p. 4). Na análise da Ameríndia,

os países da América Latina e do Caribe foram profundamente afetados pelos ideais do neoliberalismo e da globalização, cujas promessas beneficiaram as elites (os 10% mais ricos da população possuem 60% das riquezas e os 10% mais pobres possuem somente 2%). Aumentou o fosso que separa a imensa maioria da população, condenada a viver a precariedade, no abandono dos serviços sociais de saúde, educação e segurança, da minoria, que goza de todos os benefícios. Globalizou-se a pobreza (121 milhões de pessoas não têm acesso a medicamentos essenciais; um milhão morre por ano por causas relacionadas com a pobreza; 40 milhões de crianças vivem nas ruas das cidades). O desemprego massivo levou à precariedade no emprego, ao retorno do trabalho escravo. Aumentou o tráfico de todo tipo: de trabalhadores, de mulheres, de crianças (AMERÍNDIA, 2007, p. 15-16).

Diante desse cenário em escala mundial, os membros da V Conferência propuseram outra forma de globalização, que, baseada nos

---

<sup>2</sup>“O neoliberalismo tem como principal adversário o Estado, que segundo seus ideólogos, deve retirar-se do papel de garante dos direitos sociais a serem assegurados pelos indivíduos. O Estado deve também abandonar seu papel regulador da economia, deixando-o por conta do mercado”. AMERÍNDIA, 2007, p. 14.

valores do Evangelho e dinamizada pelo Espírito da unidade, reconhecendo a riqueza das diversidades culturais, tenha como características a solidariedade, a justiça, a esperança e o amor.

## Opção preferencial pelos pobres

A opção preferencial pelos pobres, que marca o perfil da Igreja latino-americana e caribenha desde a Conferência de Medellín (cf. DAp, 391), foi reafirmada por Aparecida (cf. DAp, 396), que, por sua vez, buscou identificar os novos rostos pobres, (SUESS, 2007, p. 111-112) gerados pela parte negativa da globalização: entre eles, estão as comunidades indígenas e afro-americanas; mulheres; jovens; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem-terra, meninos e meninas submetidos à prostituição infantil; também as crianças vítimas do aborto; milhões de pessoas e famílias que vivem na miséria; dependentes das drogas; as pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV-AIDS; os sequestrados e os que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade; também os anciãos e os presos (cf. DAp, 65). Trata-se de um cenário dramático e desumano, cujos personagens são vítimas da face cruel da globalização econômica, que, indiferente ao sofrimento, privilegia o poder e o lucro. Na constatação dos bispos:

Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ela a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não está abaixo, na periferia ou sem poder, mas está fora. Os excluídos não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis” (DAp, 65).

Ainda dentro deste ver, a ecologia é outra questão que clama por uma atenção especial e uma pastoral socioecológica mais ativa. Essa preocupação já vinha desde a Conferência de Santo Domingo (SD, 169-177) e foi ampliada e aprofundada, sobretudo no que diz respeito à Amazônia e à Antártida. Os bispos também acrescentaram a palavra biodiversidade à reflexão,

reconhecendo que “a América Latina é o Continente que possui uma das maiores biodiversidades do planeta e uma rica sócio diversidade, representada por seus povos e culturas” (DAp, 83). O teólogo Murad, ao refletir sobre o tema da “ecologia e missão”, chama a atenção para as relações de cooperação que devem ser estabelecidas entre os seres no ecossistema, e não apenas de predação. A biodiversidade lembra esta interdependência dos organismos que, para o bem de todos, deve estar em equilíbrio (MURAD, 2010, p. 122). Segundo o Documento de Aparecida, a real situação é de que

nas decisões sobre as riquezas da biodiversidade e da natureza, as populações tradicionais têm sido praticamente excluídas. A natureza foi e continua sendo agredida. A terra foi depredada. As águas estão sendo tratadas como se fossem mercadoria negociável pelas empresas, além de terem sido transformadas num bem disputado pelas grandes potências. Exemplo muito importante nessa situação é a Amazônia (DAp, 84).

Na análise de Murad, o tema da ecologia no Documento de Aparecida, mesmo com algumas ausências, foi “além de uma posição idealista e conservacionista, que confunde ecologia com manutenção de áreas de preservação ambiental. Neste sentido, fala de ‘ecologia humana’ e ‘mundo habitável’” (MURAD, 2010, p. 128-129). Entre as propostas e orientações pastorais, destaca-se o empenho para a “implantação de políticas públicas e participações cidadãs que garantam a proteção, conservação e restauração da natureza” (DAp, 474). Sobre a Amazônia, propõe-se a criação da consciência nas Américas sobre sua importância para toda a humanidade. De modo prático, o compromisso com as Igrejas presentes no território amazônico com recursos humanos e financeiros (cf. DAp, 475). Assim, ecologia, como eixo transversal da missão, tornou-se um importante passo no Documento de Aparecida, exortando os cristãos a um maior comprometimento com a criação, dom de Deus, onde todos os seres estão interligados e em relação de interdependência.

O Episcopado em Aparecida, diante dos grandes desafios que se apresentavam frente à evangelização, não se mostrou temeroso e acuado;

mas, imbuído do espírito renovador do Vaticano II, assumiu a proposição do Papa João XXIII, ao afirmar que os cristãos são portadores da Boa-Nova, que é o próprio Cristo, e não “profetas da desventura” (JOÃO XXIII, 1997, p. 24; DAp. 30). Mediante esta metamorfose cultural, os bispos também reconhecem que há sinais positivos para o desenvolvimento humano. Nela, “aparece o valor fundamental da pessoa, de sua consciência e experiência, a busca do sentido da vida e da transcendência” (DAp, 52). Do ponto de vista religioso, os bispos prosseguem explicando que “essa ênfase na valorização da pessoa abre novos horizontes, onde a tradição cristã adquire renovado valor, sobretudo quando a pessoa se reconhece no Verbo encarnado que nasce em um estábulo e assume uma condição humilde, de pobre”. (DAp, 52).

A globalização, de modo geral, em suas diversas dimensões, também possui seus benefícios, se bem compreendida e se for regida pela ética, colocando a pessoa humana como prioridade e não o lucro. Baseados no discurso inaugural do Papa Bento XVI, os bispos apontam a globalização como “uma conquista da família humana”, pois, em nível mundial, as relações favorecem o acesso às novas tecnologias, aos mercados e às finanças (cf. DAp, 60). Na dimensão sociopolítica se destaca “a globalização da justiça, no campo dos direitos humanos e dos crimes contra a humanidade, que permitirá a todos viver progressivamente sob normas iguais chamadas a proteger sua dignidade, sua integridade e sua vida” (DAp, 82).

Com uma maior consciência sobre a real situação dos povos latino-americanos e caribenhos, bem como da presença da Igreja que faz parte desta realidade, os membros da V Conferência se questionaram: Como transformar o Continente marcado pela desigualdade social, por tantos sofrimentos num Continente da esperança e do amor, como desejava o Papa Bento XVI? (BENTO XVI, 2008, p. 258) Para tanto, com as múltiplas contribuições enviadas à Conferência e com as diretrizes do discurso inaugural do Papa, a Conferência de Aparecida constatou que somente em Jesus Cristo, portanto, Nele, por Ele, pode-se falar de vida plena (cf. Jo 10,10), pois sem Ele nada se pode fazer (cf. Jo 15,5).

No entanto, é necessário despertar a fé em Cristo nos corações dos homens e mulheres, sejam os que já são batizados, mas que por motivos

diversos se afastaram de Deus e da comunidade cristã, sejam os que ainda não O conhecem. E, para que aconteça o encontro entre o homem e a mulher deste Continente com Jesus Cristo e o seu Evangelho, faz-se necessário empreender uma grande missão. No entanto, não nos moldes de implantação da Igreja em determinados territórios, com data para começar e dia para terminar com o fincar da cruz, dizendo: “Aqui está salvo”!, mas, de uma consciência missionária ontológica que, à luz do Vaticano II, conforme o Decreto *Ad Gentes*, 2, esteja em estado permanente de missão (cf. DAp, 551). A isso a V Conferência se propôs e, ao longo da reflexão, reafirma várias vezes o compromisso de uma grande missão em todo o Continente (cf. DAp, 362). E de forma colegial foram unânimes na afirmação:

Esta V Conferência, recordando o mandato de ir e fazer discípulos (cf. Mt 28,20), deseja despertar a Igreja na América Latina e no Caribe para um grande impulso missionário. Não podemos deixar de aproveitar esta hora de graça. Necessitamos de um novo Pentecostes! Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de “sentido”, de verdade e de amor, de alegria e de esperança! Não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos, mas é urgente ir em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra, que o amor é mais forte, que fomos libertos e salvos pela vitória pascal do Senhor da história, que ele nos convoca em Igreja, e quer multiplicar o número de seus discípulos na construção do Reino em nosso Continente! Somos testemunhas e missionários: nas grandes cidades e nos campos, nas montanhas e florestas de nossa América, em todos os ambientes da convivência social, nos diversos “areópagos” da vida pública das nações, nas situações extremas da existência, assumindo ad gentes nossa solicitude pela missão universal da Igreja” (DAp, 548).

## Discípulos missionários

Evidentemente, para a missão é preciso missionários. Missionários que deem testemunho de fé, que estejam sempre à disposição para levar Deus aos homens e às mulheres, mas também para levá-los a Ele. No entanto, o missionário e a missionária não se constituem sem necessariamente passar

pelo discipulado de Jesus Cristo. Aqui está o desafio de toda a Igreja, cumprir com fidelidade o mandato de Cristo: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28,19-20).

Como explica Hummes, “o discípulo nasce do encontro forte e pessoal com Jesus Cristo” (HUMMES, 2006, p. 10). Assim como os primeiros discípulos e discípulas descritos nos Evangelhos, todos eles seguiram o Mestre depois que fizeram uma experiência profunda de fé, de encontro. Não se trata de um conhecimento puramente racional, mas vivencial. O conhecimento da Sagrada Escritura, da Doutrina Cristã alimenta a fé e a adesão a Cristo, mas o ser discípulo envolve a pessoa toda, gerando amor e uma adesão incondicional, (HUMMES, 2006, p. 16-19) a ponto de dizer como São Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim (Gl 2,20).

O seguimento a Jesus Cristo implica formação dos discípulos. O chamado para segui-lo se dá primeiro pelo encontro pessoal. É o próprio Cristo que chama quem ele quer (cf. DAp, 131). O segundo aspecto do seguimento é a conversão. A opção por Cristo e pelo seu Evangelho implica uma mudança de mentalidade, de vida (cf. DAp, 278-b), deixando de viver de forma individualista, fechada, para uma vida de comunhão fraterna, de diálogo e de participação, na busca da santificação de si e dos outros (cf. DAp, 278; 368). Tendo em vista que o discipulado é um processo e que ninguém está pronto, aquele que segue se torna discípulo do Mestre de Nazaré, e dia após dia vai amadurecendo no conhecimento, no amor e no mistério. Jesus Cristo, por sua vez, insere os que ele resgatou com sua vida no mistério do amor da comunhão trinitária, origem, sentido e fim de todo chamado, seguimento e missão (PANAZZOLO, 2010, p. 177-184).

Outro aspecto intrínseco ao discipulado é a missão. Pode-se afirmar que do discípulo nasce o missionário. Na reflexão de Hummes, “o verdadeiro discípulo torna-se missionário permanente e ardoroso. Quanto mais intensamente é discípulo, mais ardoroso missionário é” (HUMMES, 2006, p. 177-184). Jesus Cristo ao chamar seus discípulos, forma-os segundo o seu coração dentro do projeto do Reino do seu Pai, e lhes dá a força do Espírito

Santo para serem suas testemunhas: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8).

Assim, desde a sua origem, a Igreja, enquanto comunidade discípula de Cristo (DAP, 138), assumiu a missão de anunciar a salvação que Deus ofereceu e continua oferecendo ao mundo por meio do seu Filho. Sendo Jesus Cristo o Verbo encarnado num tempo e num espaço, Ele é o Testemunho no mundo do Pai (cf. Jo 1,18;14,9;15,15). Uma vez glorificado e elevado à direita de Deus Pai, a Igreja, impulsionada e assistida pelo Espírito Santo, continua na história até a parusia, dando testemunho de Cristo. Portanto, se a Igreja é por natureza missionária, a essência da missão é o testemunho. Como afirma Xavier: “Testemunhar a Cristo é tornar-se testemunha da Testemunha” (XAVIER, 2015, p. 960).

A Conferência de Aparecida, acolhendo os ensinamentos da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério, em consonância com o ensinamento das Conferências Gerais que a precederam à luz da renovação conciliar, desenvolveu bem o binômio “discípulos missionários”, compreendendo que ninguém pode ser missionário sem ser discípulo, como não se pode ser discípulo sem ser missionário. Segundo o ensinamento de Bento XVI: “Discipulado e missão são como os dois lados de uma mesma moeda: quando o discípulo está enamorado de Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só ele nos salva (cf. *Atos 4,12*)” (BENTO XVI, 2008, p. 256-257). Desse modo, o Documento de Aparecida afirma categoricamente:

Ao chamar os seus para que o sigam, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o evangelho do Reino a todas as nações (cf. Mt 28,19; Lc 24,46-48). Por isso, todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão, ao mesmo tempo que o vincula a Ele como amigo e irmão. Dessa maneira, como Ele é testemunha do mistério do Pai, assim os discípulos são testemunhas da morte e ressurreição do Senhor até que Ele retorne. Cumprir essa missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã, porque é a extensão testemunhal da vocação mesma (DAP, 144).



A Conferência de Aparecida teve por tema: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”. Curiosamente, o título da Segunda Parte do Documento “A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários”, o binômio desse título aparece sem a conjunção aditiva “e”. Isso não é por acaso, nem uma questão de simples grafia. Embora ao longo do documento apareçam as duas expressões, com “e” e sem “e”, a expressão sem “e” “discípulos missionários” (SUESS, 2007, p. 37-39), segundo Hackmann, expressa um tema-força presente no Documento:

Sem “e” significa que não são dois aspectos separados, enquanto sem “hífen” significa que não são dois elementos simplesmente iguais. São, sim, as duas caras da mesma moeda: um verdadeiro discípulo é missionário e o verdadeiro missionário é discípulo. Nesse sentido, se aprofundou a compreensão do discipulado, que implica, necessariamente, a missionariedade, indicando que ambos os elementos fazem parte do mesmo processo de seguimento de Jesus, fruto da conversão. Estas são, também, as duas palavras-chave para interpretar o lema e o Documento final: discípulos e missionários. Não basta ser discípulo de Jesus Cristo nesta hora do Continente, mas é necessário ser missionário (2007, p. 323).

Ao encerrar a V Conferência, conforme a afirmação do Documento, fica esta certeza de fé e esperança: Jesus Cristo “continua convocando, continua convidando, continua oferecendo incessantemente vida digna e plena para todos” (Dap, 363). A exemplo dos discípulos e discípulas de Cristo citados nos Evangelhos, entre eles, André, que foi até seu irmão Simão Pedro e disse: “Encontramos o Messias”, e “o conduziu a Jesus” (cf. Jo 1,40-42); ou como Maria Madalena, que, no Domingo da Ressurreição, foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor” (cf. Jo 20,18); no contexto deste novo milênio, acolhendo todas as realidades presentes neste Continente, exortam os bispos: “Nós somos agora, na América Latina e no Caribe, seus discípulos e discípulas, chamados a navegar mar adentro para uma pesca abundante. Trata-se de sair de nossa consciência isolada e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (parrésia), à missão de toda a Igreja” (Dap, 363).

## Aspectos do percurso até a síntese missionária

Aparecida sintetizou a teologia da missão desenvolvida pelas Conferências anteriores sob o impulso de renovação eclesial e pastoral do Vaticano II (SUESS, 2015, p. 175),<sup>3</sup> propondo a Missão Continental (cf. DAp, 551). Não se trata dessa pastoral ou aquele movimento ou esta vocação ser mais missionária. O chamado é para todos os batizados (cf. DAp, 549), homens e mulheres que, marcados com o sinal da fé, nascidos para a vida nova em Cristo e revestidos da força do Espírito, devem se colocar em atitude missionária (BENTO XVI, 2008, p. 253) cuja evangelização esteja unida à promoção humana e à autêntica libertação de todos os povos latino-americanos e caribenhos (BENTO XVI, 2008, p. 256), sobretudo dos pobres que são os destinatários privilegiados do Evangelho (cf. DAp, 550). Nesse discurso, o Papa Bento XVI, ao se referir sobre a necessidade de uma catequese social e uma adequada formação na Doutrina Social da Igreja, afirmou: “A vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também nas virtudes sociais e políticas” (2008, p. 256).

É possível vislumbrar uma caminhada de muitos desafios e avanços da Igreja da América Latina e Caribe no período pós-Vaticano II até os dias hodiernos. Segundo Suess, trata-se da “passagem de uma Igreja lunar para uma Igreja solar, com luz própria”. (SUESS, 2015, p. 148) Concorde com Suess, Passos, ao se referir ao *aggiornamento* da Igreja feito por Medellín, afirma: “Esse processo provocou uma virada nas concepções e práticas eclesiais. De Igreja-reflexo que reproduzia as orientações vindas do centro, a Igreja da América Latina torna-se uma Igreja-fonte, ao fazer germinar e tomar formas visíveis as orientações conciliares” (PASSOS, 2018, p. 160-161). Isso significa dizer que a partir de Medellín a reflexão da fé passou a ter diante de si a realidade dos povos latino-americanos e caribenhos. E, desse modo, ao ler os “sinais dos tempos” presentes no Continente, a Igreja pôde realizar uma

---

<sup>3</sup> Na Conclusão do missiólogo Suess: “No Documento de Aparecida, a palavra ‘missão’ representa o paradigma-síntese num duplo sentido: primeiro, assume a caminhada das quatro Conferências Episcopais Latino-Americanas anteriores, com seus eixos de descolonização, opção pelos pobres, comunidades de Base, libertação, participação e inculturação; e, segundo, sintetiza as múltiplas propostas do próprio DAp sob o prisma da missão (cf. DAp 9)” (SUESS, 2007, p. 175).

evangelização mais encarnada, numa dinâmica missionária integral: não só a vida sem a Palavra; não só a Palavra sem a vida.

O *aggiornamento* da teologia da missão na Igreja da América Latina e do Caribe à luz do Vaticano II teve seu início com a Conferência de Medellín que, embora não tenha desenvolvido um documento específico sobre a missão, compreendeu e se comprometeu com uma ação pastoral com objetivo de libertação integral, principalmente dos pobres, os mais injustiçados e feridos em sua dignidade. A formação e a vivência da fé em pequenas comunidades (CEBs - Comunidades Eclesiais de Base) oportunizaram o desenvolvimento de uma teologia latino-americana, na qual os leigos foram chamados a ser protagonistas do novo êxodo.

Em Puebla, a evangelização no presente e no futuro da América Latina, foi o centro da reflexão, tendo por objetivo desenvolver uma eclesiologia de comunhão e participação. Na esteira das Conclusões de Medellín, Puebla reassumiu a opção pelos pobres acrescentando o adjetivo “preferencial”. Também reconheceu e apoiou as Comunidades Eclesiais de Base como fonte de ministérios leigos; sendo lugares de animação de comunidades, leitura e reflexão da Palavra de Deus, educação da fé e irradiação missionária. Nesta Conferência também houve um despertar para o compromisso com a missão universal da Igreja, de forma que a preocupação com a evangelização não fosse apenas *intra-gentes*, mas também *ad gentes*. Ressoa até os dias de hoje a memorável afirmação de Puebla: “É certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza” (DP - Documento de Puebla, 368).

A Conferência de Santo Domingo se realizou dentro das comemorações dos 500 anos de evangelização da América Latina e Caribe, gerando divisões na forma que deveria ser celebrada: penitencial ou de ação de graças? Por mais que Santo Domingo afirme estar em continuidade com as conferências anteriores, em alguns aspectos descontinuou o processo de reflexão teológica, enfraquecendo alguns termos e conceitos como, por exemplo, a Igreja-Povo de Deus; silenciando outros, como “opressão” e “libertação”, em nome da “Nova Evangelização”, cujo enfoque estava voltado para os aspectos religioso, doutrinal e da promoção humana, reforçando a Igreja-hierarquia. Por outro

lado, Santo Domingo deu uma grande contribuição para a teologia da missão ao abordar e aprofundar o conceito da inculturação, que, por sua vez, reivindicou uma visão unitária da história da humanidade e da salvação; discernimento dos valores que devem ser preservados e crescer e dos desvalores que devem ser purificados; valorização e aproveitamento do patrimônio cultural e organizacional dos povos do continente; entre outros, a fidelidade ao conteúdo da revelação, que se tornou pleno com a encarnação do Verbo.

A última Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, até o momento, significou a síntese da renovação missionária que começou a germinar em Medellín. Por mais que Puebla e Santo Domingo tenham trabalhado a questão da evangelização, a compreensão de missão no interior dos movimentos e das pastorais ainda estava muito vinculada às vocações específicas e aos institutos, ordens e congregações de carisma missionário. Aparecida propôs com intrepidez um “despertar missionário, na forma de Missão Continental” (DAp, 551). Ao propor o tema “discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, a reflexão de Aparecida se empenhou no esforço de desvincular a ação missionária do contexto histórico de colonização vivido por séculos no Continente da América Latina, assumindo assim a missão como algo inerente ao ser da Igreja, retomando o espírito e o ensinamento do Concílio Vaticano II.

## **Considerações finais**

A Conferência de Aparecida rompeu com uma mentalidade missionária reduzida e fechada e passa a outra que vai além de ações isoladas, para uma Igreja profética e samaritana, que de “missões” se mantém em estado permanente de missão. Desde Medellín, quando se constatou que até aquele momento a pastoral realizada pela Igreja era caracterizada pela conservação, tendo como foco a celebração dos sacramentos e com pouca preocupação evangelizadora (cf. Med, 6,1), a Igreja latino-americana e caribenha foi chamada à conversão pastoral. Aparecida, ao se deparar com uma ação pastoral que já não correspondia aos anseios do homem pós-moderno, decidiu

com firmeza pela renovação missionária de todas as estruturas eclesiais e planos pastorais, bem como de toda a organização da Igreja (cf. DAp, 365). Assim, o que já havia sido sinalizado por Medellín, em Aparecida se tornou consensual, pois de nada adianta a elaboração de grandes projetos pastorais, se estes não estiverem acompanhados de um processo de conversão. Primeiramente no plano pessoal, como discípulos, depois no comunitário, como comunidade missionária. Na conclusão do Documento: “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp, 370).

Passado pouco mais de meio século, o processo de *aggiornamento* eclesial e missionário da Igreja na América Latina e no Caribe continua sendo um constante desafio na atualidade para os discípulos missionários de Jesus Cristo. Como foram constatados, os contextos históricos são dinâmicos, sendo reconfigurados de tempos em tempos. Para que a verdade do Evangelho seja sempre Boa-Nova que produza encontro, conversão e vida plena, a Igreja deve ser uma “escola permanente de comunhão missionária” (DAp, 370). Nela, todos são alunos do Mestre Divino de Nazaré, cuja formação está na sabedoria do Espírito Santo.

Em suma, o Documento de Aparecida é parte do rico magistério da Igreja latino-americana e caribenha. Ele expressa boa parte da caminhada eclesial e missionária do Povo de Deus presente neste Continente juntamente com os documentos de Medellín, Puebla e Santo Domingo. Contudo, como afirma Donegana: “(...) o que vale na missão, em última instância, são os missionários, isto é, pessoas disponíveis a sair das próprias fronteiras. E os missionários não nascem dos documentos, mas de Igrejas vivas e abertas” (DONEGANA, 2006, p. 54).

## Referências

AMERINDIA (org.). *Sinais de esperança: reflexão em torno dos temas da conferência de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.

BRIGHENTI, Agenor. *A desafiante proposta de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.

BRIGHENTI, Agenor. Documento de Aparecida: O texto original, o texto oficial e o Papa Francisco. In: *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 8, n. 3, [set/dez] 2016, p. 675. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/1318>. Acesso em: 01/10/2020.

BENTO XVI (2007). Discurso inaugural do Papa Bento XVI. In: CELAM (2007). *Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2008.

BEOZZO, José Oscar. A V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Aparecida: contextos sociopolítico e eclesial. In: *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Recife, ano VI, n. 6, 2007, p. 4. Disponível em: <http://www.unicap.br/revistas/teologia/arquivo/artigo%201.pdf>. Acesso em: 09/08/2020.

CELAM (2005). *Documento de participação*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2006.

CELAM (2007). *Síntese das contribuições recebidas para a V Conferência Geral*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CELAM (2007). *Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2008.

CALIMAN, Cleto. A Conferência de Aparecida: do contexto à recepção. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (orgs). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018.

DONEGANA, Constanzo. A missão nas Conferências Gerais do CELAM. In: *Encontros Teológicos*, n. 45, ano 21, n. 3, 2006, p. 37-54. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/370>. Acesso em: 25/07/2020.

GODOY, Manuel. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. O referencial teológico do Documento de Aparecida. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 157, 2007, p. 320-321. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/2716/2064>. Acesso em: 15/10/2020.

HUMMES, Cláudio. *Discípulos e missionários de Jesus Cristo: ser cristão no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2006.

JOÃO XXIII (1962). 11 de outubro de 1962: Discurso do Papa João XXIII na abertura solene do Concílio. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997.

LA BELLA, Gianni. L'America Latina e il laboratorio argentino. In: RICCARDI, Andrea. *Il cristianesimo al tempo di papa Francesco*. Bari-Roma: Anticorpi-Laterza, 2018, pp. 34-60.

MURAD, Afonso. Ecologia e missão: um olhar a partir do Documento de Aparecida. In: AMERINDIA. BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (orgs.), tradução Antonio Efro Feltrin. *A missão em debate: provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2010.

OSSA, Francisco Javier Errázuriz. Apresentação. In: CELAM (2005). *Documento de participação*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2006, p. 5-7.

PANAZZOLO, João. *Igreja comunhão, participação, missão*. São Paulo: Paulus, 2010.

PASSOS, João Décio. Avanços e retrocessos de uma ousadia que continua fazendo caminho. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (orgs.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018.

SCATENA, Silvia. Da Medellín ad Aparecida: La “lezione” di un’esperienza regionale per una ricerca di forme e stili di collegialità effettiva. In: SPADARO, Antonio; GALLI, Carlos Maria (edd.). *La Riforma e le Riforme nella Chiesa*. Brescia: Queriniana, 2017, p. 248-267.

SCATENA, Silvia. De Medellín a Aparecida, exercício de colegialidade na América Latina. In: SOUZA, Ney; SBARDELOTTI, Emerson (orgs.). *Puebla. Igreja na América Latina e no Caribe. Opção pelos pobres, libertação e resistência*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 51-68.

SOUZA, Ney. Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007): um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe. In: *Revista de Cultura Teológica* 64 (2008) 127-146.

SUESS, Paulo. Evangelização e inculturação. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (orgs.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018, p. 355-365.

SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

SUESS, Paulo. *Introdução à teologia da missão: convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino*. 4 ed. revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

XAVIER, Donizete José. Testemunho. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015.

Trabalho submetido em 05/01/2021.  
Aceito em 08/04/2021.

#### Ney de Souza

Pós-doutorado em Teologia PUC-Rio. Doutorado em História Eclesiástica, Gregoriana, registro USP. Professor do Programa de Estudos Pós Graduando em Teologia PUC SP. Líder do Grupo de Pesquisa Religião e Política no Brasil Contemporâneo (PUC SP - CNPq). Email: ney.souza07@terra.com.br

#### Hernane Santos Módena

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Política no Brasil Contemporâneo (PUC-SP). Email: hsmodena@yahoo.com.br